

Zilda Maria Beltrão Fraletti

Graduou-se em Psicologia, mas seguiu o caminho das artes. Morou em Londres onde aprofundou seus estudos sobre o tema e trabalha como marchande há 27 anos. Fundou em Curitiba a primeira galeria de arte contemporânea, que leva seu nome. Foi presidente do Núcleo Paranaense de Decoração e na Lush, divide sua experiência e impressões a respeito do desenvolvimento de novos artistas e da constante mutação que vive o mundo das artes plásticas. - zildafraletti@revistalush.com.br -



JASPER JOHNS

Jasper Johns é um dos mais importantes e influentes artistas do século XX. Surgiu no cenário artístico norte-americano no fim dos anos 1950, então dominado pela liberdade gestual anárquica dos expressionistas abstratos representados por Rauschenberg, Pollock, De Kooning e Newmann. No entanto não se identificava com eles, pois acreditava na lógica matemática para a composição de suas obras. Seus trabalhos iniciais evidenciavam um estilo totalmente novo e impulsionaram o surgimento de vários movimentos artísticos subsequentes, entre eles a Pop Art, o Minimalismo e a Arte Conceitual. Ele também se iguala a Dürer, Rembrandt, Goya, Munch e Picasso como um dos maiores gravadores de todos os tempos.

Johns, que está entre os 30 pintores vivos mais caros do mundo, está tendo a primeira exposição à altura de sua importância no Brasil, no Instituto Tomie Ohtake, até o dia 26 de agosto. "Pares, Trios e Álbuns" apresenta 70 gravuras concebidas de 1960 em diante, reunindo litografias, serigrafias e gravuras em metal. >

Nas peças da exposição, concebidas a partir da década de 1960, Johns propõe uma nova leitura sobre objetos comuns como bandeiras, números, retratos, letras e mapas. "Ele foi o primeiro artista americano a usar a impressão offset para produzir gravuras em 1971", lembra o curador da exposição, Bill Goldston, seu amigo. Jasper Johns nasceu em 1930 na Geórgia e começou a desenhar quando criança; aos cinco anos já sabia que queria ser artista. Estudou na Universidade da Carolina do Sul, onde seus professores de arte o incentivaram a ir para Nova Iorque, o que fez aos 20 anos.



Jasper Johns em frente a uma de suas obras

Lá visitou inúmeras exposições e frequentou a Parsons School of Design. Serviu o exército durante dois anos durante a Guerra da Coreia e voltou a NY em 1953. Conheceu então o artista plástico Robert Rauschenberg, com quem trabalhou criando vitrines para a Tiffany's enquanto exploravam o cenário artístico da cidade. Nesta época conheceram também o coreógrafo Merce Cunningham e o compositor John Cage, e os quatro influenciaram profundamente um ao outro. Johns foi à Filadélfia para ver a obra "O Grande Vidro", de Marcel Duchamp, que revolucionou o mundo das artes com seus Readymades (uma série de objetos já prontos que ele apresentava como obras de arte). Esta irreverência para com as atitudes estabelecidas perante o que deveria ser considerado "arte" teve influência determinante em sua trajetória. Em 1958 o marchand Leo Castelli visitou o estúdio de Rauschenberg, que era vizinho ao de Johns, e impressionou-se profundamente com sua criatividade e qualidade de execução. Castelli, que incentivou toda a geração de arte pop, convidou-o a realizar uma exposição em sua galeria. O MOMA comprou três destas obras, deixando claro que Johns iria se tornar um expoente no mundo das artes. ➤



"Casa de Louco" (1962) - óleo sobre tela com objetos
Coleção Jean-Christophe Castelli

"Para ser um bom artista você tem que desistir de tudo, inclusive do desejo de ser um bom artista.", Jasper Johns



"O a 9" (1961) - óleo sobre tela
Whitney Museum of American Art, NY



"Números em Cores" (1958-59)

A comunidade artística da época buscava novas ideias para se sucederem à emotividade dos Expressionistas Abstratos e se encantou com aquela pintura racional e cuidadosamente elaborada combinada a temas quase absurdos. Para os frequentadores de galerias era uma nova experiência encontrar telas que mostravam bandeiras, alvos e números. Johns usava estes elementos apenas como pretexto para a pintura - a bandeira americana era esvaziada do sentido patriótico e usada apenas como uma imagem a ser pintada. A obra em si justificava o significado, existisse ou não uma ideia por trás dela. Usou grande variedade de mídias tais como óleo, tinta, encáustica, lápis, colagem e relevo.

Sua preocupação com o processo e a execução o levaram a pesquisar técnicas de gravação que revolucionaram este campo. Muitas vezes ele realizou gravuras a partir de pinturas, pois esta técnica permite a experimentação e repetição. Nos anos sessenta Johns começou a introduzir elementos que tornavam as telas uma mistura de pintura e escultura. Usava objetos de uso diário como vassouras, pincéis, latas de cerveja, lâmpadas, que incorporava às telas em colagens. Nos anos oitenta seu trabalho mudou novamente; começou a colocar emoções em suas obras e foi duramente criticado por aqueles que achavam que ele estava traíndo sua diretriz inicial. >



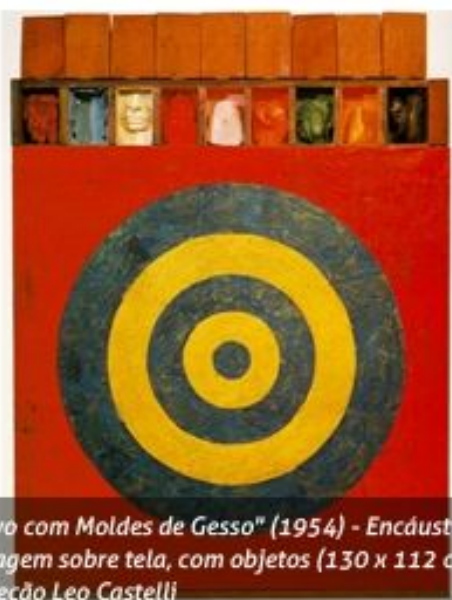
"Mapa" (1963) - Encáustica e colagem sobre tela
Coleção particular

Jasper Johns, aos 82 anos, vive sozinho em sua casa em Connecticut e não parou de experimentar combinações matemáticas. O artista continua a pintar telas gigantescas e a produzir gravuras, muitas delas adotando essas pinturas como referência. "Se no meu trabalho houvesse qualquer coisa que lembrasse outra obra, eu apagaria. Não queria fazer o que ninguém estivesse fazendo na época", disse em entrevista nos anos 80.

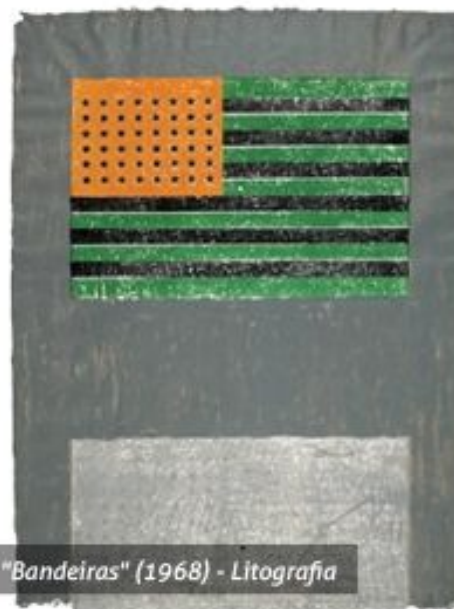


"As Quatro Estações" (1986)
premiada na Bienal de Veneza em 1988

"Eu não tenho idéia sobre o que uma pintura quer dizer sobre o mundo. Eu não acho que isto seja problema do artista. Ele apenas pinta quadros sem uma razão consciente.", Jasper Johns



"Alvo com Moldes de Gesso" (1954) - Encáustica e colagem sobre tela, com objetos (130 x 112 cm)
Coleção Leo Castelli



"Bandeiras" (1968) - Litografia



"Armadilha" (1971)
Litografia com recorte



Sem Título "Secundárias com Primárias" (1991) - Entalhe